

# A' margem de uma tentativa de padronização da nomenclatura do terreno para uso militar

UMBERTO PEREGRINO

Um volume recentemente publicado na coleção da BIBLIOTECA MILITAR põe em foco uma questão que, conquanto meuda, tem seu valor prático, e assim bem merece um debate esclarecedor. Trata-se do volume O SERVIÇO EM CAMPANHA NA ARMA DE CAVALARIA, em uma de cujas partes o autor, o Cap. Antonio Lira, se propõe a padronizar a nomenclatura do terreno.

Generosa idéia, gigantesca empreza!

O autor, porem, como quem ignora o vulto e a complexidade do que promete, lança-se à obra gostosamente.

Para começar explica, nos seguintes termos, o método que vai adotar: "Considerando que grandes seriam os inconvenientes para os soldados do Sul, caso adotássemos a nomenclatura usada no Norte ou vice-versa, resolvemos aproveitar ambas". Logo aqui cabe um reparo. Não há só uma nomenclatura do Norte e outra do Sul. Em verdade a diferenciação linguística no Brasil desdobra-se segundo umas poucas de regiões — a linguagem do extremo Norte distingue-se da do Nordeste, Mato-Grosso tem seus modismos inconfundíveis, Minas também, e o Rio Grande do Sul possui uma linguagem característica, para só referir as divisões mais nítidas.

Mas, prossegue o autor esclarecendo sobre o seu sistema de padronização: "Quando um acidente, em uma mesma região do país, tem dois nomes, aproveitamos ambos". — "Quando o mesmo acidente tem vários sinônimos em todo o país, aproveitamos todos". E assim conclue: "Nosso processo consiste em agrupar, do melhor modo possível, os acidentes de uma mesma espécie, formando séries referentes às elevações, depressões, águas, vias de comunicações, etc."

Aqui há forte confusão. Tratava-se de *padronização da nomenclatura do terreno* e, subitamente, o autor diz que o seu processo *consiste em agrupar os acidentes*. Não atinamos em que o grupamento dos acidentes do terreno em séries, conforme sejam elevações, depressões ou águas, possa influir na sua nomenclatura. Si registramos juntos, por exemplo — rio, lago, canal, poço, açude — isto não adiantará nada no tocante à variedade de designações que cada um desses acidentes possa ter. Queremos crer que o *processo* do autor cinge-se sómente ao que está expresso nos dois primeiros períodos, ou seja, mencionar juntos todos os nomes comuns ao mesmo acidente. Inda assim não haverá aí, absolutamente, *padronização*. Padronizar seria fixar um único nome para cada acidente, coisa, de resto, destituída de qualquer interesse prático, em se tratando de uma nomenclatura a ser ensinada à tropa. O de que se trata é de familiarizar todos com os nomes usados por todos. Ora, essa solução, a melhor, a única compatível com o fim que se tem em vista, seria em parte alcançada com a suposta *padronização* do Cap. Antonio Lira. Dizemos, em parte, porque há um lado do problema, que escapa ao seu processo: é quando o mesmo nome designa acidentes diferentes conforme o lugar. Estão nesse caso, por exemplo, os termos *estirão* e *perau*. O primeiro significa, na Amazonia, “trecho de rio em linha reta”, ao passo que no Rio Grande do Sul, vem a ser “caminhada longa a pé ou a cavalo”, o mesmo que *estirada* (Roque Callage, Voc. Gaúcho); *perau* é da Amazonia no sentido de lugar onde não dá pé, canal do rio (Vicente Chermont) e é gaúcho, na informação de Callage e Romanguera, designando precipício que dá para um rio, “barranqueiras de grande altura formando despenhadeiro perigoso”. (O Cap. Antonio Lira registrou *perau* como “um lugar fundo, próximo das margens, onde não se toma pé”; nem o valor amazônico nem o valor sulino; aproxima-se, embora muito imprecisamente, do valor corrente nas demais regiões brasileiras: “lugar profundo do mar, rio ou lagôa, próximo a praias ou margens, cujo fundo, se não alcance e em que se não toma pé, ou simplesmente depressão do terreno próximo às praias ou margens”. — Dicionário da Terra e da Gente do Brasil, Bernardino José de Souza).

Poderíamos, aliás, ter citado *restinga*, o vocabulo de que se serve o autor para documentar a variedade da "nomenclatura de certos acidentes do terreno, segundo as diversas regiões do Brasil". Surpreendente é que o Cap. Antonio Lira, nessas considerações preliminares, alinha alguns significados regionais de *restinga*, mas quando chega a hora de mencionar o termo no corpo da sua nomenclatura *padronizada*, engendra uma definição arbitrária, sem o menor respeito às suas próprias considerações anteriores.

Outras muitas falhas afloram à inspeção da nomenclatura apresentada neste volume. Ora são definições discutíveis ou francamente defeituosas, ora é a técnica da definição que não se recomenda, ora é a definição que não é definição, mas puro enumerar de utilidades, ora são complementos claudicantes à margem das definições.

Tomemos a palavra *taboleiro*. Está assim definida: "uma extensão de terreno plana, arenosa e seca, (parece que houve erro de revisão; a *extensão* não pode ser *plana*, *arenosa* e *seca*, é o terreno que o é) onde a vegetação é escassa e especial".

O menos que se podia dizer dessa definição é que é extremamente deficiente. A começar porque *taboleiro* designa coisas diferentes no Nordeste, na Amazonia e em Minas.

No Nordeste há dois tipos de *taboleiro*: *coberto* e *cerrado*. *Coberto* quando se trata de uma "região ondulada, coberta de capim, com vegetação arbórea e arbustiva baixa, em grupos distanciados". *Cerrado* quando "apresenta vegetação mais densa, com arvores baixas, troncos curtos e irregulares, solo coberto de relva". (Bernardino José de Souza). Na Amazonia *taboleiro* vem a ser "um banco de areia que se forma em meio da corrente e que na vazante aparece ao geito de insúa". Em Minas, consoante refere Rodolfo Garcia, "chamam *taboleiro* ao planalto de montículos pouco elevados e separados entre si por meio de vales estreitos".

Geograficamente, adotando a definição do geologo Ralph Sopper, da Inspeção de Obras Contra as Sécas, podemos dizer que *taboleiros* "são planícies de ordinário áridas, quasi sempre quentes, e mais ou menos elevadas, que se sucedem como vastos degraus de uma escada, ricas de vegetação gramínea,

sendo além disto abundantes em sinantéreas e em mangabeiras e outras apocinaceas, bem como em cajueiros, acácias spinoscentes, algumas palmeiras, etc.". Para Barboza Rodrigues *taboleiro* é o "campo sobre o planalto ou rechano".

Vê-se, pois, que haveria muito que esclarecer, com respeito a *taboleiro*, numa nomenclatura do terreno, mesmo a mais despretenciosa, porque o termo, não só tem valores regionais diferentes, como está sujeito a discussão geográfica.

*Cacimba*, embora sem complicações de geografia, também não obedece à definição do Cap. Antonio Lira: "Poço razo, geralmente revestido por uma barrica enterrada". Esse africanismo angolense não é batismo próprio do "poço razo". Ao contrário, abrange quaisquer "escavações feitas no solo das varzeas ou nos leitos secos dos rios temporários". (Bernardino José de Souza). Frequentemente, como descreve Gustavo Barroso em "*Terra de Sol*", a *cacimba* é profundamente cavada no solo. O Gen. Borges Fortes assinala o termo na linguagem do Rio Grande do Sul, onde significa "escavação profunda junto às habitações para colher filetes das águas subterrâneas". E até se equivoca o ilustre autor porque, ao acrescentar que a *cacimba* "recebe uma parede circular de tijolos para evitar o desmoronamento", diz que "o que se chama no Rio Grande do Sul *cacimba* é denominado no norte cisterna", e isto não se verifica, pelo menos no Nordeste. Lá prevalece exatamente o uso gaúcho: a *cacimba* tem uma parede circular de tijolos para conter o terreno, e cisterna vem a ser uma espécie de tanque coberto, para depósito d'água, geralmente água de chuva.

*Barroca* figura na nomenclatura do Cap. Antonio Lira confundindo-se com *barranco*, o que é peculiar ao Rio Grande do Sul, e pelo venerando Moraes considerado erro... Na velha aceção lusitana quer dizer "monte ou rocha de barro, terreno desigual" (Laudelino Freire). No Brasil em geral *barroca* "significa buraco, rasgão praticado na terra pelas águas selvagens ou das enxurradas", é a lição do "Dicionário da Terra e da Gente do Brasil", completada com a seguinte observação definitivamente elucidativa: "as *barrocas* são muito frequentes nas estradas comuns do sertão, máxime nas ladeiras".

*Capinzal* é palavra corrente, conecidissima, quasi não valeria a pena inclui-la numa nomenclatura do terreno para uso militar. Vai "O Serviço em Campanha na Arma de Cavalaria" e acolhe-a, amputando-lhe porem o sentido: admite *capinzal*, unicamente, como "uma plantação de capim". Ora, *capinzal* é um "termo geral que indica terreno coberto de capim de qualquer qualidade." (Bernardino José de Souza.) E até na Baía e em Sergipe as areas plantadas de capim recebem a denominação especial de *campineiros* ou *campineiras*. *Capinzal* está, portanto, longe de ser apenas "uma plantação de capim"; em certas zonas brasileiras, pelo contrário, se fôr *plantação* não é *capinzal*...

Definição tambem viciada é a de *campanario*, dado como "a abertura da torre onde estão colocados os sinos de uma igreja". Todos os dicionários ultrapassam essa definição, ensinando que *campanario* é "torre com sinos, parte da torre em que se suspendem os sinos". (Candido de Figueredo) Alguns, como Caldas Aulete (Dicionário Contemporaneo), não fazem sequer menção à segunda parte, registram simplesmente: "*campanario*, s.m. torre de sinos". O que não se nos deparou nunca foi a definição parcial de *campanario* como "abertura da torre onde estão colocados os sinos", justamente a que o Cap. Antonio Lira formulou.

As infrações da técnica de definir são por vezes chocantes, como neste exemplo: "*Moita ou touceira de mato* — E' uma *touceira de mato* que pode até abrigar um homem a cavalo". Não é que não se entenda; a noção, extremamente corriqueira, dispensaria até registo. Mas, observe-se que o objeto está definido com o próprio objeto: *touceira de mato* é uma *touceira de mato*. E' como quem definisse: *rio* é um *rio*, pouco importando o que subsidiariamente fosse acrescentado. Si se tivesse consignado: *moita* é uma *touceira de mato* não haveria o que censurar. Como está, porém, *touceira de mato* considerada sinonimo de *moita*, e ambas a serem definidas, não é possível aceitar os termos da definição.

Os casos em que, ao envés de definição propriamente, há simples ról de utilidades, não são raros. Exemplos: "*Cerca de ferro* — São usadas, geralmente, para cercar as estradas de

ferro". — "*Cerca de pedra* — Eram usadas antigamente para construção de mangueiras e divisão de estancias ou fazendas".

Como se vê, nem *cerca de pedra* nem *cerca de ferro* foram definidas, o que foge, sem razão identificavel, ao método geral do trabalho. A exceção torna-se tanto mais estranha quanto esses dois tipos de cerca veem registrados de parceria com vários outros (*cerca viva, cerca de madeira, cerca de arame*), todos definidos.

De passagem, cumpre notar ainda duas coisas sobre essas cercas não definidas. Uma é que são mencionadas no singular e o que se segue a respeito delas vem no plural: "*Cerca de ferro — São uzadas...*"; "*Cerca de pedra — Eram uzadas...*" Descuido, grave descuido. A outra observação refere-se ao que ficou dito das cercas de pedra, que "eram uzadas antigamente para construção de mangueiras e divisão de estancias ou fazendas." Ora, o carater das cercas de pedra não está em que fossem uzadas antigamente. Mesmo porque elas são atuais, são de todos os tempos. Não correspondem a uma questão de época, mas a um imperativo economico. Nos lugares onde a pedra fôr abundante, e oferecer vantagem de preço sobre os outros materiais de construção, haverá cercas de pedra, calçadas de pedra, enfim o aproveitamento da pedra em todas as construções que se conciliem com a rusticidade dessa matéria prima. E' o caso do sertão nordestino. Lá escasseia a madeira de lei, então a pedra tem amplas aplicações. As calçadas são construidas com aquelas grandes lages, os muros, dentro das localidades, são de pedra bem como as cercas das fazendas. Nestas, aliás, mostra-se com toda nitidez a imposição economica, pois são feitas de pedra seca, isto é, simples superposição do material sem auxilio de nenhuma argamassa. O fenomeno é o mesmo de certas regiões do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde cidades inteiras são praticamente construidas com madeira, e das praias do Nordeste onde predomina, na maioria das habitações, o emprego da palha de coqueiro.

O Cap. Antonio Lia não se dá, pooém, a muitas investigações ,dahi esse e outros equívocos em que incorre a cada passo. Senão examinemos o seguinte periodo, que é o final do que vem dito sobre *igarapé*: "Nas matas da floresta Amazônica

(*matas da floresta?*) ou outra qualquer que floreaçã nãgua, encontram-se milhares de igarapés”. Muito bem, mas dizer que a floresta amazônica *floresce nãgua*, só como força de expressão. Na verdade, ao que descreve Euclides da Cunha, “o rio, multifluo nas grandes enchentes, vinga, as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Desarraiga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerosas da varzea; e nos remansos das planícies inundadas, decantam-se-lhe as águas carregadas de detritos, numa colmatagem plenamente generalizada.” Isto é que é. Aceitar-se-iam os dizeres do autor, como força de expressão, numa obra que não fosse de tão estrito caráter didático.

Outro caso de informações claudicantes no bojo de uma definição: “Estrada de Ferro Elétrica — São aquelas (reincidência naquele descuido de enunciar a coisa a ser definida no singular e pôr o verbo da definição no plural) movidas a eletricidade. Além dos trilhos, nota-se o fio condutor de energia. Geralmente *tem* (aqui o verbo está no singular, com devêra estar o outro) seu leito cercado ou em lugar especialmente preparado. Ligam cidades”. (Volta o verbo ao plural; verdadeira dansa de numeros gramaticais). Não é exato aquilo de dizer que nas estradas de ferro elétricas, “além dos trilhos, nota-se o fio condutor de enérgia”. Em verdade isso depende do sistema de eletrificação. No sistema trifásico as linhas de alimentação constam de dois fios aéreos, que conduzem duas fazes da corrente, tendo a terceira, como condutor, os próprios trilhos. Nos sistemas monofásico, monotrifásico e contínuo de alta tensão é que a linha de contato é simples. E pode acontecer também que não haja fio algum, como no caso da tração Diesel-elétrica.

Afirma ainda o autor que as estradas de ferro elétricas “ligam cidades”. Não vamos contestá-lo, mas é divertido refletir que precisamente as linhas eletrificadas mais próximas de nós, as da Central, durante muitos anos ligaram apenas subúrbios, e só agora se expandem no raio de algumas cidades...

De modo geral a apresentação da nomenclatura do terreno deixa muito a desejar. Mas desvaloriza-se, sobretudo, pelo descuido, às vezes tumultuário, de que se reveste. Exemplos:

O critério foi registrar os nomes no singular; a trechos, porém, sem nenhum motivo especial, surgem acidentes tomados no plural: *valos ou valados, desertos, sertões, orlas, ribeiras, ribeiros, ribeirões ou riachões, igarapés, tremedais, atoleiros ou sumidouros, diques, etc.*

As pontes militares são definidas. Logo abaixo (p. 46), com a mesma disposição gráfica, vem escrito: "classificação das pontes militares", como se isto fosse também um acidente do terreno.

Cumpre assinalar um perigoso lapso de revisão, desses que se prestam à maldade, porque tanto podem ser erros de revisão, como erros de fato. Trata-se do final do que está escrito sobre *rio* na página 38: "pode deixar de ser *vadiavel*". Certamente o autor escreveu *vadeavel*. É um cochilo a ser corrigido com urgência, antes que alguém o assaque de confusão entre os dois verbos autônomos: *Vadear e vadiar*.

Apostamos essas falhas, que não são todas, da nomenclatura do terreno, incorporada ao volume "O Serviço em Campanha na Arma de Cavalaria", com a intenção de alertar o autor, até porque ele o destina, generosamente, ao aprendizado dos cadetes, alunos de C.P.O.R. e graduados, o que lhe sobrecarrega as responsabilidades. Não percebemos, aliás, como se possam conciliar esses destinos, uma vez que os três grupos estão colocados, no tocante à instrução, em graus distintos. Evidentemente não se confundem, nos conhecimentos militares, os cadetes, os alunos do C. P. O. R. e os graduados. A nosso ver, o livro em apreço, pelo seu nível e pelo seu feitio, não poderá ultrapassar o interesse dos graduados.

De qualquer forma, todavia, procuramos ser *uetis* a um camarada que, si se arroja insistentemente às tarefas intelectuais, é porque deseja realmente prestar algum serviço.